

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

RHÚBIA RIBEIRO DE LIMA

**VIDEODOCUMENTÁRIO: FUTEBOL E RACISMO
NO “TRIO DE FERRO” DE CURITIBA**

CURITIBA-PR

2021

RHÚBIA RIBEIRO DE LIMA

**VIDEODOCUMENTÁRIO: FUTEBOL E RACISMO
NO “TRIO DE FERRO” DE CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel
em Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme
Carvalho

CURITIBA-PR

2021



Curso de Bacharelado em Jornalismo
Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos sete dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante RHÚBIA RIBEIRO DE LIMA, portador do Registro Uninter 2025985 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de qualificação, na modalidade monografia, sob o título "VIDEODOCUMENTÁRIO: FUTEBOL E RACISMO NO "TRIO DE FERRO" DE CURITIBA" e orientação do/a professor/a doutor Guilherme Carvalho, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Ms. Otacílio Vaz

Examinador/a 2: Ms. André Corradini

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,5

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovada.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:

Examinador/a 1:

Examinador/a 2:

Estudante:

AGRADECIMENTOS

Aos professores que me ajudaram nessa caminhada, em especial ao professor Guilherme Carvalho que me orientou e teve paciência para me ajudar. A Maira Nunes, André Corradini e Otacílio Vaz que me auxiliaram em momentos que precisei. Agradeço a disposição das fontes que foram essenciais para a construção do videodocumentário. A Fernando Gomes, Gil Rocha, Marcelo Ortiz, Marcelo Carvalho, Grupo Helênicos, Fúria Independente, Império Alviverde e Reginaldo Nascimento. E aos colegas Alceu Polato Filho, Loriane Czaja e Chester Moura que se disponibilizaram a participar da produção.

A minha família. Mãe Fátima Carvalho, meu pai Marcos Gomes e minha irmã Gabriele Lima.

Agradeço de coração.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso resultou em um videodocumentário sobre o racismo no futebol curitibano, relacionando as três equipes da capital: Clube Athletico Paranaense, Coritiba Foot Ball Club e Paraná Clube. Para a elaboração deste trabalho, foi preciso realizar a pesquisa exploratória, a documental e a bibliográfica. Após identificar conteúdos audiovisuais semelhantes ao produto proposto e desenvolver um capítulo teórico, aborda-se aspectos do jornalismo especializado e o jornalismo esportivo, além de relacionar como a área abrange o futebol, o racismo em campo e o racismo na sociedade. Por fim, foi realizada a descrição do produto, abordando a pré-produção, a produção e a pós-produção.

PALAVRAS-CHAVE: Videodocumentário, Racismo, Athletico Paranaense, Coritiba, Paraná Clube, Futebol Paranaense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 METODOLOGIA.....	10
3 RACISMO NA SOCIEDADE E NO FUTEBOL.....	14
3.1 RACISMO NA SOCIEDADE	14
3.2 JORNALISMO E RACISMO.....	17
4. JORNALISMO ESPECIALIZADO E JORNALISMO ESPORTIVO	20
4.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO.....	20
4.2 RACISMO ESPORTIVO	23
4.3 JORNALISMO E FUTEBOL.....	24
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	27
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	27
5.1.1 DOCUMENTOS CONSULTADOS.....	27
5.1.2 FORMATO.....	28
5.1.3 FONTES.....	28
5.2 PRODUÇÃO.....	30
5.2.1 GRAVAÇÃO DOS DEPOIMENTOS.....	30
5.2.2 IMAGENS DE COBERTURA E TRILHAS SONORA	31
5.2.3 LINGUAGEM.....	31
5.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE.....	41

1. INTRODUÇÃO

O racismo no futebol é uma questão que eventualmente aparece em conteúdos jornalísticos publicados nos meios de comunicação. Um caso que aconteceu ainda neste ano envolveu o atacante da Seleção Brasileira, Richarlison¹, ao receber mensagens ofensivas em suas redes sociais após ter feito uma provocação na partida entre Brasil e Chile, em 2 de julho, pela Copa América de 2021. Outro caso que comoveu a população e ganhou grande repercussão foi no final de 2020 quando o garoto Luiz Eduardo² Bertoldo Santiago, de 11 anos, foi registrado chorando em um vídeo numa partida da Caldas Cup, competição infantil de escolinhas de futebol de Caldas Novas-GO. Desta vez, os insultos vieram do técnico adversário, Lázaro Caiana. Em 2014, o lateral Daniel Alves³ foi protagonista de um ato inusitado que marcou a história do futebol quando atuava no Barcelona pelo Campeonato Espanhol. Alguns torcedores do Villarreal jogaram bananas em direção ao jogador. Em resposta, ele pegou a fruta e comeu.

Estes casos ganharam destaque nacional e internacional pelos veículos de comunicação e para trazer uma especialização dentro do jornalismo que aborda o esporte, propôs-se como objeto de estudo o Jornalismo Esportivo durante a produção deste trabalho. Atualmente, o campo possui um amplo espaço na mídia e, para Alvin (2008, p.1), “os meios de comunicação têm um papel muito importante na construção das identidades do futebol, já que apresentam as pessoas, universos simbólicos diferentes daqueles expostos pelos pais e colegas”.

A elaboração do videodocumentário “Futebol e racismo no ‘trio de ferro’ de Curitiba”⁴ surge como uma forma de aprofundar um tema que é recorrente na sociedade brasileira, também visto dentro dos jogos de futebol. Muitas vezes, o

¹ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/richarlison-e-alvo-de-racismo-em-rede-social-apos-provocacao-a-chilenos.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2021

² Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/12/18/menino-diz-que-foi-vitima-de-racismo-durante-campeonato-de-futebol-em-caldas-novas-fecha-o-preto.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2021

³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor/>. Acesso em: 11 ago. 2021

⁴ Videodocumentário: “Futebol e racismo no ‘trio de ferro’ de Curitiba”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GVMa0-qlOHk>. Acesso em 21 nov.2021

assunto só é aprofundado dentro dos clubes em datas específicas, como no Mês da Consciência Negra⁵, período em que inúmeras campanhas são produzidas; ou quando casos de racismo na sociedade ganham grande repercussão⁶.

Foi elaborado um produto audiovisual com 22 minutos contando sobre o racismo nos três principais clubes de futebol de Curitiba-PR: Clube Athletico Paranaense, Coritiba Foot Ball Club e Paraná Clube; e mostrar como eles lidam para combater os casos. A partir de um levantamento exploratório, foi possível identificar documentários jornalísticos da passagem de negros no futebol do país, mas não foi identificada uma produção paranaense, especificamente na capital. O fato reforça a importância de um conteúdo regional para o tema.

A produção pretende contribuir para um debate audiovisual pouco tratado midiaticamente pela sociedade do Paraná. Para isso, foram ouvidos historiadores, especialistas, jornalistas, representantes dos clubes, torcedores para compor o videodocumentário proposto. Além disso, a proposta buscou identificar se há racismo no futebol da capital, trazendo relatos, dentro de um aspecto verídico, tentando ouvir os diferentes lados e mostrando a pluralidade de assuntos e opiniões sobre a temática tratada. Para mais, oferecer respostas da falta de conteúdo midiático, relacionando com aspectos históricos e procurando entender se ainda existe racismo e como ele se manifesta nos dias atuais.

Este trabalho apresenta um capítulo teórico abordando quatro temas relevantes para a composição deste documento. Primeiramente haverá uma discussão sobre o jornalismo especializado, definindo seu conceito, suas habilidades e seu campo de atuação, envolvendo as mais diversas áreas. Nele é possível aprofundar um tema que não receberia tanta importância numa mídia geral. Em seguida, aborda o jornalismo esportivo, que compreende uma variedade de esportes. É um ramo que envolve ética e uma série de recomendações - que serão aprofundadas em um dos capítulos. Logo depois traz como o jornalismo e o futebol trabalham juntos. Unindo um esporte que faz parte da personalidade e a imprensa brasileira. Sendo que, atualmente, o esporte é uma temática bastante problemática, pois ocupa espaço da cobertura de outros

⁵ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-lanca-campanha-nacional-todos-iguais>. Acesso em: 11 ago. 2021

⁶ Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/corinthians-vasco-e-mbappe-futebol-se-manifesta-contra/1hbrafy5rx81u1ajb7ba6zj2bc>. Acesso em: 11 ago. 2021

esportes. Posteriormente, discute como as expressões de preconceito racial são comuns em partidas de futebol, mostrando como a cobertura jornalística pouco aprofundada sobre o tema.

2. METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho foram utilizados três procedimentos: a pesquisa exploratória, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória contém investigação bibliográfica e é caracterizada por entrevistas e estudos de casos que contribuem para o entendimento do tema. Além disso, busca aumentar o conhecimento a ser investigado e, segundo Prodanov (2013, p. 51-52), contribui para a “delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto”.

Outro método de pesquisa utilizado foi a documental. Fonseca (2002, p.32), explica que a pesquisa documental envolve uma variedade de fontes dispersas, “como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc”. Para Gil (2002, p.45), a pesquisa se difere da bibliográfica na natureza das fontes:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 2002, p.45)

Unindo estes dois métodos foi possível identificar matérias jornalísticas de casos de racismo no futebol brasileiro na plataforma do Google. Através de palavras chaves, como “racismo”, “futebol” e da junção de palavras que formou a frase “principais casos de racismo no futebol brasileiro” foi descoberto uma reportagem da Gazeta Esportiva⁷ com 16 casos de racismo na história recente do futebol brasileiro, mas apenas 12 foram utilizados neste trabalho, considerados os mais repercutidos. Após identificados os casos, foi realizada uma pesquisa com cada nome em grandes veículos esportivos de comunicação brasileiros, como o Globo Esporte, O Lance!, Gazeta Esportiva, entre outros. Com isso, foi possível

⁷ Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/>. Acesso em: 11 ago. 2021

indicar algumas notícias e reportagens escritas e publicadas nos sites, além de conteúdos audiovisuais na aba “vídeos” da plataforma. Outros três casos, mais recentes, de 2020 em diante, também foram encontrados através das junções de palavras chaves que formaram a frase “casos recentes de racismo no futebol brasileiro”.

Como referência e levando em conta os processos técnicos para a produções audiovisuais jornalísticas estudadas durante os quatro anos de faculdade (pauta, apuração, entrevista, edição e publicação), foi preciso se embasar em estudos sobre videodocumentários. Fernão Pessoa, citado por Corradini (2019, p.156), diz que uma característica essencial é ser "uma obra de não ficção". Já de acordo com Corradini (2019), o documentário teria a missão de "documentar" fatos sem a manipulação das linguagens e ter uma posição específica na linguagem cinematográfica.

Ele se utiliza de muitas das técnicas produtivas em suas composições, na decupagem na edição, na finalização etc., mas por outro lado, por definição, é esperado que nada disso influencie na captação da realidade dos fatos ou altere o que está sendo filmado. (CORRADINI, 2019, p.162)

A palavra "documentário", segundo Machado (2003), é vasta e engloba uma variedade de serviços das mais diversas categorias, métodos, modelos e formatos de todo o tipo. De acordo com o autor, é possível criar o que quiser com um documentário, podendo ser uma reportagem do dia a dia, quanto relatar uma viagem turística. Neste produto produziu-se um videodocumentário expositivo. Nele a “principal característica é a linguagem argumentativa, que se relaciona com trechos históricos. Sempre com locução em *off*, as imagens complementam o que o texto narra” (CORRADINI, 2019, p.178). Foram utilizados como referência quatro videodocumentários encontrados na plataforma YouTube, também com palavras chaves: “racismo”, “futebol”, “videodocumentário” e “principais casos no futebol”. Um é uma produção da HBO Brasil, canal televisivo norte-americano, intitulado “O Negro no Futebol Brasileiro⁸ - O conceito atrás da série documental. É uma série dividida em quatro episódios retratando a difícil trajetória dos negros

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ETdOP7pajJ0>. Acesso em: 11 ago. 2021

nos primórdios do futebol no país. De acordo com o diretor, Gustavo Acioli, a produção tem a intenção de oferecer uma visão histórica, cultural e sociológica⁹.

O Observatório da Discriminação Racial no Futebol também divulgou um videodocumentário sobre os setenta anos do lançamento do livro “O negro no futebol brasileiro”¹⁰ escrito pelo jornalista Mário Filho. Em seu livro, o autor traça as origens do racismo e como ele se manifestou no futebol. O documentário buscou analisar o cenário atual e o papel do negro na estrutura do futebol no país, ouvindo personagens, jogadores, dirigentes, historiadores e pesquisadores. Outra produção foi realizada pelo Governo de São Paulo, junto ao Museu Afro Brasil e a Lapilar Produções Artísticas. Intitulada “O Negro e o Futebol”¹¹, mostra como o museu retratada a passagem dos negros pelo futebol brasileiro. Por fim, a TV Câmara, em 2014, produziu o documentário “Brasil FootBall Club, relatando todos os desafios que os negros tiveram para ingressar no futebol brasileiro”¹².

Outro documento que serviu de referencial na produção deste trabalho, foi o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol publicado em 2019. A análise foi produzida pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol. São apresentados casos de preconceito durante cada ano, trazendo seus desdobramentos e punições (OBSERVATÓRIO, 2019).

Além desses dois procedimentos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para desenvolver um levantamento teórico dos temas “Jornalismo Esportivo” e “Jornalismo Especializado”. Esse estudo serve para entender o que já foi pensado por outros autores sobre a temática, e é muito similar à pesquisa documental, mas possui personalidade diferente. De acordo com Fonseca (2002, p.31):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites* sobre o tema a estudar. (FONSECA, 2002, p. 31)

Foi possível identificar conceitos e funções das áreas abordadas e suas importâncias para o jornalismo. O trabalho foi baseado em livros e estudos

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=exOVAHd3eok>. Acesso em: 21 ago. 2021

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kAY-bbbSyoU>. Acesso em: 11 ago. 2021

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PD8TR_IO-Fw. Acesso em: 11 ago. 2021

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLtRmNtde8Y>. Acesso em: 21 ago. 2021

científicos, utilizando as obras de Fernandes (2017), Cardoso (2016), Tavares (2009), Ferreira (2019), entre outros, para retratar o tema jornalismo especializado. Coelho (2011), Barbeiro e Rangel (2006), Padeiro (2015), Silveira (2009), Tavares Junior (2017) e Cardoso (2017) para abordar o tema jornalismo esportivo. Enquanto Bezerra (2008), Soares; Helal e Santoro (2004) descreveram o tema jornalismo e futebol; Esteves (2020), Muniz (2011), abarcaram o tema jornalismo e racismo.

3. RACISMO NA SOCIEDADE E NO FUTEBOL

Neste capítulo serão debatidos dois temas fundamentais para a composição deste trabalho. Inicialmente será abordada uma discussão sobre o racismo na sociedade, como ele nasceu e se estabeleceu no corpo social. Posteriormente, discute como as expressões de preconceito racial são comuns em partidas de futebol, mostrando como a cobertura jornalística pouco aprofundada sobre o tema.

3.1 RACISMO NA SOCIEDADE

No Brasil, a escravidão começou com os povos indígenas desde os primórdios da colonização portuguesa no país, entre os anos de 1540 até 1570. Entretanto, houve resistência devido à cultura daqueles povos. Para eles, o trabalho intenso, regular compulsório eram incompatíveis com aquilo que acreditavam. Já, por outro lado, o tráfico africano do século XV trouxe alternativas aos portugueses, onde os escravos se viam diante de um território novo e desconhecido, trazidos à força e obrigados a se adaptarem. A habilidade dos negros nas atividades açucareiras, nos trabalhos com ferro e criação de gado, fizeram o comércio negreiro se tornar lucrativo e mostrar a superioridade em relação aos indígenas (FAUSTO, 2006.).

A escravidão deixou marcas na sociedade e como exemplo, Gomes (2019) cita a construção da Grande Muralha da China, feita com o trabalho de aproximadamente 1 milhão de cativos que teve início no ano 220 a. C. O autor reforça seu pensamento trazendo as palavras de Williams (1944) dizendo que “a escravidão não nasceu do racismo; mas o racismo foi a consequência da escravidão”. (WILLIAMS, 1944 *apud* GOMES, 2019, np.). Conseqüentemente, a partir da escravidão, surgiu o que se chama de “ideologia racista”. O pensamento associa a cor da pele à condição de escravo criou uma justificativa para o comércio e exploração de seres humanos.

Segundo esse sistema de ideias, usado como justificativa para o comércio e a exploração do trabalho cativo africano, o negro seria naturalmente selvagem, bárbaro, preguiçoso, idólatra, de inteligência curta, canibal, promíscuo, “só podendo ascender à plena humanidade pelo aprendizado na servidão”, explica o africanista brasileiro Alberto da Costa e Silva. (SILVA, 2002, p.240 apud GOMES, 2019, np.)

A concepção surgiu através da teologia, filosofia e ciência. Um dos mais antigos argumentos para a escravização vem da teologia, que atribuiria a “maldição de Cam” aos negros africanos. Na bíblia, o capítulo nove do livro de Gênesis, diz o seguinte:

[...] depois do Dilúvio, Noé se tornou agricultor e começou a produzir vinho. Certo dia, embriagou-se e dormiu sem roupa dentro da tenda em que morava. Cam, seu filho mais novo, viu a nudez do pai e, em vez de cobri-lo com o manto, correu para contar aos dois irmãos a respeito da situação vexatória em que o pai se encontrava. Ao acordar e ouvir a história, Noé lançou uma maldição contra a descendência de Cam, citando especificamente seu neto Canaã: “Maldito seja Canaã. Que se torne o último dos escravos de seus irmãos”. [16] Segundo a tradição, os descendentes de Canaã teriam ido para a África, onde se tornariam escravos até o fim dos tempos. (GOMES, 2019, np)

Pelo campo filosófico, o negro seria naturalmente inferior ao branco. Voltaire, em 1756, citado em Gomes (2019), dizia que os negros se diferenciavam pela fisionomia e capacidade mental.

Os olhos redondos, o nariz achatado, os lábios sempre grossos, o formato diferente das orelhas, o cabelo encrespado na cabeça, e mesmo a sua capacidade mental estabelecem uma prodigiosa diferença entre eles e as outras espécies de seres humanos. (VOLTAIRE, 1956 apud GOMES, 2019, np.)

A caracterização de raça, no sentido de diferenciação entre seres humanos, é uma manifestação da modernidade de meados do século XVI. Para Almeida (2019) o conceito é controverso, mas seu significado está relacionado ao “ato de estabelecer classificações, primeiro entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (ALMEIDA, 2019, np.). A definição está vinculada às eventualidades históricas em que é impregnado, já que está sempre em contingência, conflito, poder e decisão. Por consequência, “a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (ALMEIDA, 2019, np.).

Com a difusão econômica mercantilista, a cultura renascentista e a conquista do novo mundo, construiu-se um moderno ideário filosófico, ou seja, o homem europeu virou o homem universal, transformando os outros povos e culturas diferentes menos evoluídas. Almeida (2019) classifica três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural.

A concepção individualista descreve o racismo como algo psicológico, individual ou coletivo, em grupos isolados, compreendido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Segundo Almeida (2019, np.), seria, ainda, “uma ‘irracionalidade’ a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais”. A linha diz que não existiriam sociedades ou instituições racistas, mas sujeitos racistas que trabalham isoladamente ou em grupo. Neste ponto de vista, o racismo poderia ocorrer indiretamente e se manifestar como discriminação direta.

Outro viés apontado pelo autor é o institucional. De acordo com a tese, o racismo é propagado por instituições que proporcionam, diretamente ou indiretamente, privilégios e desvantagens de acordo com a raça. Ou seja, o ato também vem das instituições, compostas por determinados grupos raciais que, através dos mecanismos institucionais, determinam suas ambições políticas e econômicas. Sendo assim, o poder é um elemento fundamental da relação racial. “Com efeito, o racismo é dominação”. Ou seja, os grupos que dominam organizações políticas e econômicas da sociedade têm a soberania no poder. (ALMEIDA, 2019)

Por fim, há o racismo estrutural. A ação possui um processo histórico e político, diretamente ou indiretamente, e faz com que os grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma metódica, ou seja, sistemática. O modo de olhar, estruturalmente, as relações raciais fazem com que, mesmo que existam punições, isso não seja suficiente para a sociedade deixar de produzir a desigualdade racial. O ponto de vista estrutural não retira a responsabilidade do indivíduo ou grupo e, ao entender este olhar, torna os cidadãos mais responsáveis pelo combate ao racismo.

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou

responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2019, np.)

A estrutura social produz o racismo de acordo com o modo “normal” que cria os vínculos políticos, econômicos, jurídicos ou familiares, deixando de ser um distúrbio social e uma desorganização institucional. Para Bonilla-Silva (2006), citado em Almeida (2019), o racismo é estrutural. As atitudes individuais e os métodos institucionais resultam de uma comunidade que tem como regra a prática do racismo. “O racismo é parte de um processo social que ocorre ‘pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (MARX, 2013 apud ALMEIDA, 2019, np.).

3.2 JORNALISMO E RACISMO

São recorrentes expressões de preconceito racial em partidas de futebol desde seu surgimento no Brasil. As palavras “macaco”, “macacada”, “tição” e “nêgo burro” são algumas palavras comuns em jogos de futebol. Esses casos têm sido destacados recorrentemente nas mídias jornalísticas, mas Esteves (2020) relata que a produção destes conteúdos precisa ser refletida.

A cobertura jornalística busca uma abordagem factual e poucas produções são destinadas ao preconceito racial (MUNIZ, 2011). Uma análise com 12 conteúdos audiovisuais revelou que a televisão destina cerca de um a dois minutos para matérias sobre a temática. O cenário ainda é contraditório:

50% das matérias não entrevistaram as vítimas dos supostos casos; apenas uma pessoa do ramo jurídico foi ouvida em todas as matérias; oito das doze não fizeram qualquer menção ao crime de racismo e injúria, onze das doze não fizeram nenhuma relação com outros casos de racismo no esporte, o que denota a criação de uma narrativa ao qual este caso é o primeiro. E ainda onze das doze matérias utilizaram de adjetivos e superlativos no texto, o que pouco se aprofunda sobre os reais efeitos do racismo (ESTEVES, 2020, p.14)

A televisão é uma mídia massificada, onde o jornalismo esportivo precisa dialogar efetivamente, sendo ponte de discussão do racismo que atinge toda

sociedade. O racismo necessita ser argumentado e ter um propósito incapaz de ser negado, principalmente numa sociedade que acredita não ser racista (ESTEVES, 2020). Muniz (2011) destaca que a representação negra dentro da mídia brasileira reflete o racismo no país. É nela que os estereótipos se intensificam e reflete que o racismo está amplamente sólido na sociedade. O pouco debate do tema em notícias está presente na hora de definir o valor-notícia. A agradabilidade do público supera os valores de proximidade, atualidade e notoriedade.

Da mesma forma, Maurício Stycer, ex-diretor do periódico especializado em esportes Lance! aponta o fato de que a maioria dos veículos privilegia a paixão, preocupando-se apenas em enaltecer ou legal, o que apaixona as pessoas, o gol, a marca, o incrível, a vitória. E talvez por essa razão, defende Mariante, o esporte acaba-se tornando assunto que as pessoas, mesmos profissionais do jornalismo esportivo, tendem a não levar a sério [...]. (SILVA, 2009, p.15 *apud* MUNIZ, 2011, p.11)

O jornalismo vive numa “bolha de fontes”, como apontou Oliveira a Dias do UOL (2020). Opiniões, versões e visões estão nas mãos de figuras brancas e ouvir vozes em diferentes coberturas, como economia, política, esporte, cultura, etc; daria chance de os intelectuais negros mostrarem uma visão plural dos acontecimentos. Oliveira destaca que o maior obstáculo do racismo no país “é o fato das instituições terem dificuldades de reconhecê-lo na prática” (ECO A UOL, 2021).

Há fontes negras com competência para discutir qualquer tema - política, economia, esportes, ciência. Mas o racismo brasileiro estabelece lugares fechados de concessão de fala a negras e negros. (UOL, 2021).

Muniz (2011) traz as falas de Miriam Leitão para contar que a questão racial é debatida comumente em eventos de um dia só, como em 13 de maio e 20 de novembro, e não existe uma cobertura sobre os milhares de cidadão que são “tratados de forma inferior, têm os piores empregos e os piores salários, são barrados ao longo da vida inteira por barreiras fortes, poderosas e invisíveis a olho nu” (LEITÃO, 2007, p. 44 *apud* MUNIZ, 2011, p.12).

A discussão de temas na mídia, pauta as discussões em outras esferas da sociedade. O simples fato de certo tema estar na mídia não garante o posicionamento dos leitores, mas aumenta as chances de o receptor pensar sobre os temas ali abordados, ao passo que a ausência dessa abordagem pode significar a falta de conhecimento desta questão para o grande público. (MUNIZ, 2011, p.13)

A autora defende seu ponto de vista com Wolf (2005) citando Cohen (1963) dizendo que a imprensa “se encontra surpreendentemente com condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa”. No artigo “Pretos, pobres e putas: dos discursos da sociedade e da mídia à seletividade do direito penal”, Müller, Gimenez e Dutra (2017) contam que os indivíduos

já nascem condenados pela sua miséria, indigência e condição social. Logo, são vítimas da própria situação em que se encontram, porque ainda sofrem grande preconceito por parte da imprensa que faz questão de fortalecer essa “etiquetagem” em relação a situação social que se encontram, influenciando de forma significativa na criação de leis e na visão da sociedade em geral. (MÜLLER; GIMENEZ; DUTRA, 2017, p. 6)

Resumindo, de acordo com os autores citados, falta espaço dentro da mídia para um debate amplo sobre o preconceito racial que, muitas vezes ganha destaque em datas específicas. Além disso, o valor-notícia que a imprensa valoriza interfere nas produções, quando é escolhido de acordo com o que o público quer. Ou seja, a mídia reforça o que o público pensa sobre o tema.

4. JORNALISMO ESPECIALIZADO E JORNALISMO ESPORTIVO

O capítulo a seguir traz dois temas que envolvem o jornalismo. A primeira é a especialização jornalística, onde será definido seu conceito, suas habilidades e seu campo de atuação, que abarca as mais diversas áreas. Nela é possível aprofundar um tema que não receberia tanta importância numa mídia geral. Em seguida, que envolve uma variedade de esportes. É um ramo que envolve ética e uma série de recomendações - que serão aprofundadas em um dos capítulos.

4.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO

Uma definição clara do que é jornalismo especializado é argumentada por Rovida (2010), citado por Fernandes (2017):

é um tipo de comunicação jornalística focado em grupos sociais específicos formados com base em um interesse comum que, em geral, se relaciona a temas profissionais. O Jornalismo Segmentado é representado em veículos com distribuição dirigida. (ROVIDA, 2010, p.75 *apud* FERNANDES, 2017, p.30)

No ramo, mesmo que o veículo cubra todo tipo de assunto, há um jornalista ligado a uma seção, produzindo conteúdos sobre o tema. Tal como, um profissional que atue com o turismo, é responsável pelas pautas relacionadas ao conteúdo, mesmo que o veículo trate de vários assuntos. “Isso ocorre pela expertise desse jornalista no ramo turístico, no qual certamente tem acesso facilitado as fontes, contatos valiosos e conhecimento técnico” (FERNANDES, 2017, p.21).

Pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas

especializações. 1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc). (TAVARES, 2009, p.115)

Com o acesso à internet cada dia mais fácil, esses ramos aumentam e tornam-se subespecializações (FERNANDES, 2017). Como aponta Tavares (2009, p.117), “historicamente, a especialização periodística está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos”.

O jornalismo especializado segue algumas características essenciais: foco, linguagem diferenciada, aprofundamento e profissionais especializados. Primeiramente destacamos o foco, ou seja, o público-alvo. Com a delimitação de público é possível produzir pautas com mensagens adequadas a eles, assim como escolher melhor o planejamento gráfico e o compartilhamento dos materiais. Fernandes (2017, p. 29) menciona Rovida (2010) mais uma vez para explicar que “o jornalismo torna-se segmentado quando sua especialização é tão específica que seu público fica mais limitado: esse fenômeno chamado de superespecialização”. Esse grupo “é a essência da segmentação” (HOUAISS; VILLAR, 2007, *apud* FERNANDES, 2017, p. 28).

Além do público-alvo, o jornalismo especializado tem uma linguagem característica, com definições específicas sem precisar de explicação já que é destinado a um grupo entendedor do tema. Para alguns autores, essa é uma das preocupações da especialização, pois a linguagem se torna mais refinada e específica, levando o público a codificar a mensagem. Tavares (2009, p. 123-125), em Fernandes (2017, p.24), “comenta que o jornalismo especializado deve fazer a mediação entre saber especializado e o público das notícias”

Outro ponto característico é o aprofundamento, tornando a novidade um ponto secundário a ser abordado. Claro que acontecimentos inéditos, que levam a sociedade considerar mais relevantes, faz parte do jornalismo, mas, “além de priorizar a profundidade do tema apresentado, esse tipo de publicação tem uma periodicidade mais ampla. O que inviabiliza qualquer tentativa de trabalhar com

temas essencialmente atuais” (ROVIDA, 2010, p.73 *apud* FERNANDES, 2017, p.31).

E todos esses elementos são pensados por profissionais que, geralmente, são formados na área ou têm domínio sobre o tema.

A especialização jornalística também envolve outros quatro tipos de segmentações apontadas por Fernandes (2017): a segmentação geográfica, a segmentação por renda ou ocupação, a segmentação por gênero e a segmentação ideológica.

1. Segmentação geográfica: Quando as notícias produzidas alcançam o local onde o público vive ou trabalha, podendo ser regional, por estado ou região; local, atingindo um bairro ou uma cidade; nacional, abrangendo um país; e internacional, dirigindo-se a um público de outro país (FERNANDES, 2017).
2. Segmentação por renda ou ocupação: O conteúdo é destinado a um grupo pertencente a uma classe econômica ou a uma profissão. Aqui a escolha das pautas e das fontes, a linguagem e o aprofundamento dependem do público atingido. Fernandes (2017) cita como exemplo o Jornal do Ônibus da Grande Curitiba, destinado a uma camada popular mais baixa; e o Aeroporto Jornal, dirigido a pessoas com maior poder aquisitivo.
3. Segmentação por gênero: Criam-se produções direcionadas a homens e mulheres. Geralmente, no caso do sexo masculino, são produzidos conteúdos sobre saúde, automóveis, sexo e pornografia, enquanto para mulheres sobre moda, beleza, relacionamento, culinária, saúde, filhos, entre outras (FERNANDES, 2017).
4. Segmentação ideológica: Quando o veículo segue uma visão, com uma ideologia própria e forte, cheia de ideias e pensamentos. Como exemplo, Fernandes (2017) cita o site Brasil de Fato, que carrega o slogan, “Uma visão do Brasil”.

Sintetizando, o jornalismo especializado é destinado a grupos definidos que possuem gostos específicos. Há uma infinidade de especializações

jornalísticas que cobrem, além de turismo, esportes, economia, política, meio ambiente, cultura, games, empresas, entre outras” (FERNANDES, 2017). Além disso, a segmentação jornalística pode, também, ser dividida de acordo com a região, a quem é destinada pela a renda, com o sexo e pontos de vistas.

4.2 JORNALISMO ESPORTIVO

A especialização esportiva é a área que cobre ou deveria cobrir pautas relacionadas as práticas esportivas, envolvendo atletas, técnicos, eventos, competições e incentivos ao esporte. “Ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte” (ROCCO JUNIOR, 2015, entrevista cedida à TAVARES JUNIOR, 2017).

Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda às perguntas básicas do o *quê, quando, onde, como e por quê* é o dever de todo bom jornalista. Uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para as pessoas certas no momento adequado. Se fizer bom uso desses instrumentos de trabalho, o repórter esportivo tem tudo para ser um bom profissional. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.19)

O jornalismo esportivo nasceu com o objetivo de conservar as condutas habituais do jornalismo, como atender a necessidade de a população saber o que está acontecendo ao redor. Quando isso é praticado conforme as regras, auxilia positivamente a sociedade. A população busca notícias sobre os mais variados assuntos, não apenas para saber o que está acontecendo, mas também com a missão de monitorar o poder público. Essas diretrizes envolvem ética, valores da cidadania e interesse público (PADEIRO, 2015).

Uma questão que envolve estes elementos é o fato de o jornalismo esportivo ser movido pela paixão. E isso não é o suficiente para o exercício da profissão. O “fundamental mesmo é gostar da atividade jornalística em si, gostar de buscar a informação, de escrever, ou de ambas as coisas. Sem isso ninguém sobrevive no jornalismo, não só no esportivo” (UNZELTE, 2009, p. 7 *apud* FERREIRA, 2019, p.13).

Para Barbeiro e Rangel (2006, p. 46), alguns jornalistas “torcem pela pátria mais do que informam como deveriam. O público quer que o jornalista informe pura e simplesmente. O jornalista esportivo não precisa torcer como torcedor e muito menos pelo torcedor”. Para eles, manter a ética profissional precisa ser a base para evitar essas questões e sempre o compromisso com a verdade precisa estar presente. Padeiro (2015, p.17) complementa citando um trecho do artigo 6 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007): “É dever do jornalista: [...] II – divulgar os fatos e as informações de interesse público; [...] VII – combater e denunciar todas as fontes de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação”. Além de questões éticas, Ferreira (2019, p. 13-14) traz recomendações feitas por Barbeiro e Rangel (2006):

- Ter conhecimento das regras do esporte e do campeonato,
- Elaborar e pesquisar as perguntas com fundamentação, sem se prender ao factual,
- Não confundir um bom contato com as fontes com troca de favores,
- Conhecer as regras do próprio idioma,
- Checar se o fato relatado é verdadeiro,
- Não privilegiar um determinado competidor,
- Descrever o tema tratado de forma didática,
- Usar linguagem acessível e evitar termos técnicos,
- Não colocar torcedores contra pessoas que trabalham nas agremiações esportivas,
- Não exagerar no uso de adjetivos,
- Não se intrometer em brigas de torcedores,
- Gravar as entrevistas para evitar erros de interpretação e dúvida nos entrevistados. (BARBEIRO; RANGEL, 2006 *apud* FERREIRA, 2019, p.13-14)

Por fim, o jornalismo esportivo também pode ser prestador de serviço, no momento em que os torcedores buscam os valores dos ingressos, espaços de venda, horários, informações sobre o trânsito ao redor dos estádios, etc. Ou seja, a área também deve oferecer conteúdo com qualidade, seriedade, exatidão e credibilidade, sem tratar outras áreas com menos importância (BARBEIRO; RANGEL, 2006).

4.3 JORNALISMO E FUTEBOL

O futebol faz parte da personalidade brasileira. “Aqui no Brasil, o futebol está inserido na identidade da sociedade, faz parte da vida da ampla maioria dos

brasileiros, é quase um “DNA” deste povo” (BEZERRA, 2008, np.). O esporte tornou-se um fenômeno de apelo popular em 1930 e a maneira de praticar o esporte passou a ser característica do país. A rapidez e o imprevisto nos momentos decisivos dos jogos eram características das partidas. Esses aspectos “tendem a não desaparecer, pois são mantidos pela transmissão oral no interior dos grupos e ficam latentes à espera de melhores oportunidades de veiculação” (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p.66).

Aos poucos, o futebol foi conquistando a população e os termos técnicos do futebol passaram a ser conhecidos pela grande maioria da população. Hoje em dia, “qualquer homem comum, aficionado ou não ao futebol, tem uma relação ativa com este código (utilizando-o fora ou no seu emprego), ou passiva (recebendo-o forçosamente através de mensagens publicitárias ou de outros canais)” (FERNÁNDEZ, 1974, *apud* BEZERRA, 2008, np.).

Essa popularização teve ajuda da imprensa e isso aconteceu quando o futebol chegava ao país com Charles Muller. Em um encontro entre as equipes do Rio de Janeiro e São Paulo, o jovem convidou para a partida o jornalista Mário Cardin, repórter do jornal O Estado de S. Paulo, e este divulgou a partida.

E assim foi feito. Nas páginas de O Estado de S. Paulo, Cardim escreveu sobre os dois empates ocorridos no campo do SPAC, na região central da cidade, time em que Charles Müller jogava. Falou da presença de distintas famílias e enalteceu a qualidade técnica dos jogadores cariocas... (ANDRÉ RIBEIRO, 2007, p. 25 *apud* BEZERRA, 2008, np.)

Em 1933 alguns clubes da elite deixaram os campeonatos oficiais devido a profissionalização do futebol brasileiro. No período, a prática já era transmitida pela rádio. Bezerra (2009, np) cita a jornalista Edileusa Soares (1994, p.94) e conta que “a primeira transmissão coube ao locutor Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista, durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol”.

No início do século XX, poucas pessoas acreditavam que o futebol tomaria conta das manchetes dos jornais brasileiros, assim como o remo, prática que era popular na época. Coelho (2011, p. 8), diz que “duvidar foi o esporte preferido até mesmo de gente experiente, que vivia de escrever para os cadernos especializados, já no meio do século XX”. Na década de 1910, o jornal *Fanfulla* divulgava o esporte em suas páginas, já nos anos 60, foi lançada uma revista

dedicada completamente ao futebol, a Placar. Naquele período, o estado do Rio de Janeiro dedicava cada vez mais espaços para o futebol.

Atualmente, o futebol faz parte de uma problemática bastante abordada dentro do jornalismo esportivo. Coelho (2011, p.38) diz que “o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc”. Latas (2017), aponta que a hegemonia do futebol é ampla. A autora relata que 69% das informações esportivas tratam de futebol, enquanto 31% abordam outras modalidades. A falta de conteúdo sobre outros esportes faz a emissora perder um público que gosta de outro conteúdo. Handebol, basquete e outras modalidades são noticiadas com mais ênfase apenas nas olimpíadas (SOUZA, 2016, *apud* CARDOSO, 2017, p.21). Para o autor, embasado nas opiniões de Souza (2016):

A melhor forma de trabalhar e propagar as informações do jornalismo esportivo é vivenciar os mais variados esportes, observando-os muito bem ou praticando-os a fim de produzir um material rico em informação e o mais profundo possível, cativando, assim, cada vez mais o seu público. (SOUZA, 2016 *apud* CARDOSO, 2017, p.23)

Resumidamente, a popularização do futebol foi impulsionada pelas mídias e conquistou a sociedade, tornando-se parte da cultura brasileira. Com isso, o jornalismo esportivo passou a atender, em grande escala, este esporte. Porém, no geral, “para falar de esportes o jornalista precisa ter, no mínimo, um conhecimento básico sobre a modalidade a ser tratada” (AMARAL, 2016, *apud* CARDOSO, 2017, p.24). Ou seja, quanto mais conhecimento da prática, mais confiança e credibilidade o jornalista terá frente ao público e aos colegas (AMARAL, 2016, *apud* CARDOSO, 2017, p.24).

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Neste capítulo será apresentado a descrição do produto intitulado “Futebol e racismo no ‘trio de ferro’ de Curitiba. O videodocumentário pretende seguir o pré-roteiro (nos apêndices) e retratar de que maneira os clubes de Curitiba abordam o tema “racismo no futebol”, com relatos verídicos e opiniões sobre a temática. Foi possível produzir um videodocumentário de 22 minutos, com falas de jornalistas esportivo, um locutor de futebol, representantes das torcidas organizadas do Curitiba e Paraná Clube, o diretor do Observatório da Discriminação Racial no Futebol e um ex-atleta alviverde.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Este produto desenvolveu um conteúdo audiovisual com 22 minutos abordando o racismo nos clubes de futebol da capital. O filme promove um debate audiovisual pouco tratado midiaticamente na sociedade do Paraná. Para isso, foram levados em conta os processos técnicos para a produções audiovisuais jornalísticas estudadas durante os quatro anos de faculdade: pauta, apuração, entrevista, edição e publicação. Com a ajuda de pesquisas e documentos foi feita a pré-produção, que ajudou a definir o formato, as fontes consultadas e, também, o primeiro contato com elas.

5.1.1 Documentos consultados

Para a produção deste videodocumentário foi consultado o Relatório da Discriminação Racial no Futebol, produzido pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Chegou-se a cinco casos de racismo que envolveram clubes de Curitiba. Nikão estava envolvido em dois casos, um provocado pelas redes

sociais, em 2019 e 2020, e outro em que seu companheiro de equipe, Carlos Alberto, também foi agredido, este em 2017 pela Libertadores. O zagueiro Márcio, do Coritiba, foi mais um que sofreu racismo pela internet em 2017. Já envolvendo o Paraná Clube, apontou-se o caso envolvendo o Jogador Marino, do São Bernardo, em 2014.

Além disso, utilizou-se como referência quatro vídeodocumentários sobre racismo no futebol: “O negro no futebol brasileiro”, também produzido pelo Observatório; “O Negro no Futebol Brasileiro - O conceito atrás da série documental”, feito pela HBO Brasil; “O Negro e o Futebol”, produção realizada pelo Governo de São Paulo, junto ao Museu Afro Brasil e a Lapilar Produções Artísticas; por fim, o filme “Brasil FootBall Club”, feito pela TV Câmara, em 2014.

Junto as produções, foram identificadas algumas reportagens, são elas: Casos de Racismo e Homofobia Futebol Brasileiro (Esporte Espetacular); Racismo no futebol e arbitragem (Esporte Espetacular); Reportagem especial mostra que o racismo está longe do fim do futebol brasileiro (Esporte Espetacular); Jogador é chamado de ‘macaco’ em mais um caso de racismo na Copa do Brasil (Globo Esporte), entre outras.

5.1.2 Formato

Foi escolhido o vídeodocumentário para debater sobre o racismo no futebol, em formato audiovisual e utilizando os métodos jornalísticos citados acima. Nichols (2005), em Corradini (2019), classifica seis tipos de documentários que se diferem em sua construção, produção, formato e linguagem: o documentário poético, o participativo, observativo, reflexivo, performático e o **expositivo**, que utilizaremos aqui. Nele a “principal característica é a linguagem argumentativa, que se relaciona com trechos históricos. Sempre com locução em *off*, as imagens complementam o que o texto narra” (CORRADINI, 2019, p.178).

5.1.3 Fontes

As fontes são as pessoas que detém as informações do tema. Através delas, é possível confirmar se os fatos são verídicos ou não. Neste trabalho, a identificação dos possíveis entrevistados foi feita por pesquisas na internet, na plataforma Google, em sites oficiais e por contatos pessoais. Chegou-se aos seguintes contatos:

- Narrador esportivo da rádio Banda B: Marcelo Ortiz;
- Comentarista esportivo da rádio Transamérica: Fernando Gomes;
- Jornalista Gil Rocha;
- Presidente da Império Alviverde (Coritiba): Juliano Rodrigues
- Primeiro Secretário da Fúria Independente (Paraná Clube): Thiago Ribeiro da Silva;
- Ex-jogador do Coritiba Foot Ball Club: Reginaldo Nascimento;
- Diretor do Observatório da Discriminação Racial no Futebol: Marcelo Carvalho;
- Representante do Grupo Helênicos: Flávio Henrique Soethe;
- Torcedores: Loriane Czaja, Alceu Polato Filho e Chester Moura.

Após a identificação, foi o momento de entrar em contato pessoalmente ou por assessoria de imprensa, através de contato telefônico ou e-mail. A data e horário para a entrevista foi de acordo com a disponibilidade da fonte e jornalista. Os depoimentos foram primordiais para a construção audiovisual, captações de imagens das fontes, e dar um aspecto verdadeiro no tema.

O jornalista e comentarista esportivo Gil Rocha, o comentarista esportivo Fernando Gomes e o narrador esportivo Marcelo Ortiz foram contactados via Instagram, assim como o ex-jogador de futebol, Reginaldo Nascimento. Além deste, foi preciso entrar em contato com as torcidas organizadas dos clubes de Curitiba. Juliano Rodrigues, presidente da Império Alviverde, e Thiago Ribeiro, Primeiro Secretário da Fúria Independente foram contactados via telefonema. Tentou-se conversar com a torcida "Os Fanáticos", do Clube Athletico Paranaense, e "Ultras do Athletico", mas sem sucesso.

Outra tentativa que não se obteve sucesso foi com os clubes e com atuais jogadores negros das equipes. Por e-mail, o Athletico negou a participação, enquanto o Paraná Clube não pôde, porque não tinha jogadores disponíveis no momento. O Coritiba mostrou mais interesse, porém não enviou seu material.

Por fim, também foram agendadas por e-mail, as conversas com o Diretor do Observatório da Discriminação Racial, Marcelo Carvalho, e Flávio Henrique Soeth, representante do Grupo Helênicos.

5.2 PRODUÇÃO

Na produção, obteve-se imagens das entrevistas através de gravações online pela plataforma Zoom e pessoalmente num local determinado pela fonte. Foi possível, também, definir a linguagem e encontrar imagens de cobertura para ilustrar o conteúdo.

5.2.1 Gravação dos depoimentos

A maioria das gravações foram pessoalmente, enquanto uma foi produzida através da plataforma Zoom. Para a produção das gravações online foi preciso de um computador/notebook/celular com fone de ouvido, com acesso à internet, tanto para entrevistados, quanto para o entrevistador. Enquanto pessoalmente, foram utilizados um tripé, um celular e uma lapela. Segundo Corradini (2017, p.48), as imagens “não são apenas o fruto de um ‘apontar e disparar’ da câmera”. O autor complementa dizendo que “é preciso um planejamento com base nos estudos do perfil do público alvo e também do que se quer transmitir. Neste caso, a elaboração se baseou em um público negro, que gosta de futebol, e procura expressar nele sentimentos da sociedade.

A maioria das gravações seguiram um enquadramento regular para as imagens serem semelhantes e harmoniosas, com o entrevistado no plano direito da tela – enquanto no lado esquerdo foi indicado seu nome e função, respectivamente. Os entrevistados estavam em um local com boa ambientação sonora, sem barulhos que provocassem ruídos no som. Após a coleta das

imagens foi realizada a decupagem dos vídeos e os materiais foram editados no software de edição Adobe Premiere.

Fernando Gomes deu o primeiro depoimento. As imagens foram gravadas num estúdio de gravação da Rádio Transamérica Curitiba. Em seguida, foi a hora de conversar com Marcelo Ortiz, na Rádio Banda-B. Enquanto os depoimentos de Gil Rocha e do ex-jogador do Coritiba foram em seu apartamento. Juliano Rodrigues cedeu seu depoimento na sede da Império Alviverde. Enquanto, Thiago Ribeiro e Flávio Soethe, solicitaram fazer as gravações sozinhos. As perguntas foram encaminhadas a eles, os quais gravaram após orientações de enquadramento, ambientação e sonorização do local. Apenas Marcelo Carvalho gravou a distância pela plataforma zoom, pois estava no Rio Grande do Sul.

5.2.2 Imagens de cobertura e trilhas sonoras

Para ilustrar o videodocumentário e ajudar a complementar as informações cedidas pelos depoimentos foi preciso imagens de cobertura. Foi solicitado aos clubes imagens, mas sem sucesso. Então, foi preciso pedir aos torcedores dos três clubes vídeos produzidos por eles mesmos durante os jogos. Também foram gravadas imagens externas dos estádios. Algumas imagens históricas também ilustram a produção.

Para dar emoção, às trilhas sonoras foram fundamentais. Foi utilizado o seguinte canal com músicas livres de direitos autorais: Livraria do Youtube. Neste caso, foi preciso escolher trilhas coerentes com as ocasiões. Por exemplo, na abertura e apresentação do tema foram escolhidas músicas que prendessem a atenção do telespectador. Enquanto no momento em que são apresentados os casos de racismo no futebol, através de fotos e textos, onde não há depoimento, foi usada uma trilha para manter a atenção do leitor nas imagens.

5.2.3 Linguagem

A linguagem de uma produção audiovisual, além de planos de imagens já discutidas acima e aplicados nos depoimentos, é formada por movimentos de

câmera, pelas trilhas sonoras, artes e elementos que contarão a história planejada (CORRADINI, 2017). Após identificado os casos de racismo que envolveram atletas do “trio de ferro” pelo Relatório da Discriminação Racial no Futebol, precisou-se elaborar artes para mostrar a mensagem ao telespectador. Para isso, foram encontradas, por meio de pesquisas, fotos dos atletas que sofreram racismo na plataforma Google. A pesquisa é fundamental para a produção de um filme, nela o produtor encontra informações para compor o roteiro, para estrutura a cronologia e estrutura o produto, entre outros (CORRADINI, 2019).

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

A pós-produção iniciou-se depois da junção dos depoimentos já coletados. Precisou-se fazer a decupagem do material, ou seja, a organização do que foi produzido, seguindo o que foi planejado no pré-roteiro. A “decupagem clássica oferece muito mais possibilidade emocional, além recursos para a narração” (CORRADINI, 2019, p.51). Com isso, as partes mais importantes e de acordo com o tema foram anotadas e dispostas no roteiro de edição (nos apêndices) para facilitar a edição.

O roteiro é a posição-chave na fabricação de um filme, pois é a partir dele que se decide o filme. Um bom roteirista é aquele que conhece a fundo a técnica cinematográfica, pois é preciso escrever coisas filmáveis, do contrário o roteiro não passa de um sonho impossível de um filme (RODRIGUES, 2007, p.48 *apud* CORRADINI, 2017, p.50)

Finalizado o roteiro, foi a hora de iniciar as edições pelo Adobe Premiere. “Essa etapa envolve o encaixe, as deixas de cada depoimento ou entrevista, os cortes secos, os efeitos de transição e o trabalho com as entrevistas, eliminando erros, interferências e possíveis problemas” (CORRADINI, 2019, p.173-174)

Foi optado pelo formato clássico de videodocumentário: o expositivo, ou seja, não exigiu narração em *off* de um locutor. “O propósito da narração é contar ao espectador as coisas que ele precisa saber e que pode não conseguir captar diretamente das imagens” (HAMPE, 1997, p.9), neste caso não foi necessário, pois os depoimentos contam a narrativa.

A organização do documentário foi feita basicamente da seguinte maneira:

1. Abertura: A abertura foi feita com alguns trechos importantes dos depoimentos, com falas de Fernando Gomes, Reginaldo Nascimento, Gil Rocha e Marcelo Ortiz, seguido de uma série de “prints” mostrando casos de racismo envolvendo o “trio de ferro” curitibano noticiados na mídia;
2. Apresentação do tema: A apresentação do tema foi feita com um fundo preto para melhorar o entendimento do que estava proposto e com uma trilha sonora impactante que chamasse atenção para o título: “Existe racismo no ‘trio de ferro’ de Curitiba?”;
3. Contexto histórico e apresentação de atletas negros que passaram pelo Curitiba, Atlético Paranaense e Paraná Clube; para mostrar contexto histórico de atletas negros que passaram pelos clubes curitibano, foi utilizada as falas de Flávio Henrique Soethe, representante do Grupo Helênicos, enquanto Marcelo Carvalho, diretor do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, contou aspectos históricos do racismo no futebol brasileiro. Os depoimentos foram ilustrados com algumas fotos;
4. Apresentação dos casos envolvendo os clubes da capital: Racismo envolvendo torcedores em estádios. Com base nos dados do Relatório da Discriminação Racial no Futebol, chegou-se ao “Caso Marino”. Para relatar o ocorrido dentro do videodocumentário foram utilizados trechos escritos do fato. O fundo musical foi composto com uma trilha sonora calma para manter o espectador atento às informações; por tratar-se de torcedores, foram ouvidos representantes de duas torcidas organizadas, a Império Alviverde e a Fúria Independente. O assunto foi complementado com falas de torcedores dos clubes.
5. Apresentação dos casos envolvendo os clubes da capital: Racismo provocado pela internet. Seguindo os mesmos parâmetros do item acima, chegou-se ao “Caso Nikão” e ao “Caso Márcio”, ambos cometidos pela internet. A disposição do ocorrido aconteceu da mesma maneira do item

- número 5. Para contar sobre o tema, foram ouvidos jornalistas que trabalham diretamente com o esporte;
6. Apresentação dos casos envolvendo os clubes da capital: Racismo no exterior. O “Caso Nikão e Carlos Alberto”, ocorrido pela Libertadores da América, utilizou os mesmos critérios do item 4 e 5;
 7. Para finalizar o videodocumentário, foram respondidas duas perguntas através dos depoimentos, sendo elas: A punição basta para acabar com os casos de racismo dentro do futebol? O racismo pode acabar no esporte?

Depois da organização dos depoimentos, foi o momento de finalizar a produção. As artes foram inseridas, junto as fotos colhidas, textos, legendas e a sonorização. Após a checagem, a mídia foi exportada e publicada na plataforma do Youtube.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi unir as forças do jornalismo esportivo a uma prática que a população ama e a um tema que precisa ser abordado com mais frequência no jornalismo: o racismo. A elaboração do videodocumentário “Futebol e racismo no ‘trio de ferro’ de Curitiba” surgiu como uma forma de aprofundar um tema que é recorrente na sociedade brasileira, também visto dentro dos jogos de futebol. Mesmo com uma grande quantidade de atletas negros nos clubes, o preconceito racial está incrementado a prática.

Com o levantamento exploratório não foi identificado uma produção paranaense que abordasse o tema. E a produção deste videodocumentário oferece ao público, em especial ao paranaense, um conteúdo pouco tratado na mídia do estado, em questão audiovisual. Por isso, leva ao mercado jornalístico um produto que complementa o espaço que está faltando no jornalismo paranaense. Embora alguns casos sejam veiculados recorrentemente, não há profundidade, principalmente quando se trata de um conteúdo audiovisual.

O primeiro passo desse produto audiovisual foi responder a pergunta: “há racismo no ‘trio de ferro’ da capital?”. Para chegar à resposta foram consultados profissionais que estão em contato direto com o futebol, como jornalistas, jogadores e pessoas que trabalham pelas causas raciais.

Após apresentar estudos de quatro temas relevantes para a composição deste documento (jornalismo especializado, jornalismo esportivo, jornalismo e

futebol e racismo na sociedade), foi produzido o videodocumentário levando em conta processos técnicos jornalísticos para a produções audiovisuais, sendo elas pauta, apuração, entrevista, edição e publicação.

Com a pesquisa documental, foi possível identificar cinco casos envolvendo o Clube Athletico Paranaense, Coritiba Foot Ball Club e o Paraná Clube após pesquisas no Relatório da Discriminação Racial no Futebol. Ficou evidente que, na maioria das vezes, o preconceito racial vem da torcida. Podemos citar o caso do jogador Marino, do São Bernardo, alvo de insultos raciais proferidos pela torcida do Paraná Clube. Através dos depoimentos de Marcelo Ortiz, Marcelo Carvalho, Fernando Gomes e membros das torcidas organizadas, identificou-se que os torcedores acreditam estar impunes em meio a outros torcedores. Mas com o advento da internet, o crime está se expandindo para o mundo online, onde é possível você se esconder atrás de um perfil. Porém, ainda há maneiras de reconhecer aquele que cometeu o ato. Aqui citamos os casos envolvendo os jogadores Nikão, do Athletico, e Márcio, do Coritiba. Ambos alvos de insultos pela internet. No entanto, mesmo assim, mesmo com a identificação do criminoso, as punições são ineficientes e precisam ser aprimoradas para surtirem efeito na sociedade racista, foi o que apontou Marcelo Carvalho. Com os depoimentos, fica claro que o preconceito racial ainda faz parte de uma cultura nacional, é sistemático, estrutural e que vai demorar para acabar.

A proposta identificou que, através de relatos verídicos, escutando lados diferentes e mostrando que o assunto conta com diversos pontos de vistas, o tema precisa ser debatido no estado, tanto dentro de campo, quanto fora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019

ALVIN, Bianca. As identidades do futebol no jornalismo esportivo. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 2 a 6 de setembro, 7 a 10 de maio, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/72604933-As-identidades-do-futebol-no-jornalismo-esportivo-1-bianca-alvin-2-universidade-federal-de-juiz-de-fora-juiz-de-fora-mg.html>>. Acesso em 1 ago. 2021.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1574/pdf/61?code=0sk15h+E5uK3K2W/ATvEQwC2fcpGAof74tN0hUimoU/qZLb60StjtHbCHPepI7OH19Nd86fbivpholrX3L5ahA==>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O futebol midiático**: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Mestrado em Comunicação na contemporaneidade. Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/o-futebol-midiatico-uma-reflexao-critica-sobre-o-jornalismo-esportivo-nos-meios-eletronicos/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CARDOSO, Marcelo. Jornalismo esportivo: ensino, aprendizagem e conceitos. **Alterjor**, São Paulo, v.4, edição 15, p.16-30, Jan/Jun, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/127459>>. Acesso em 24 ago. 2021.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3485/pdf/5?code=dmVWP/uJ>>

[TkYAE4TppBmjH8qG7t7uGc8HLewmszzivi0maaYnsg6Adyw/zzNTdHRxrwKMozDjU6gAWjFLR9Cs3w==>](https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/177765/pdf/3?code=xgw4zv329aoT+/fgiOZkXZdjtY96wOgzoomeotJoQKtASWV4/d3q6lt0pv4ZRSmsXer2jVLusKhwJQy7B4bgRg=>). Acesso em 24 ago. 2021.

CORRADINI, André Luiz Delgado. **Princípios do cinema e introdução ao videodocumentário**. Curitiba: InterSaber, 2019. Disponível em <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/177765/pdf/3?code=xgw4zv329aoT+/fgiOZkXZdjtY96wOgzoomeotJoQKtASWV4/d3q6lt0pv4ZRSmsXer2jVLusKhwJQy7B4bgRg=>>>. Acesso em 24 ago. 2021.

DIAS, Guilherme Soares. “**Imprensa tem dificuldade de reconhecer seu racismo**”, diz professor da USP. Ecoa UOL – Por um mundo melhor. Agosto, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/18/imprensa-tem-dificuldade-de-reconhecer-seu-racismo-diz-professor-da-usp.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

ESTEVES, Emerson Maciel. Racismo no futebol: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo televisivo. **SBP Jor** – Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo 10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR). Sergipe, Nov, 2020. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/jpjour2020/paper/viewFile/2696/1531>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo: especialização e segmentação**. Curitiba: InterSaber, 2017. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/124242/pdf/83?code=qMtPhQ8xMOuBVHfzvXbegBbGbVFOAkCiU2sHGyXj3fgf2GnJuxl+y+cVZib9p5w9PI3ae8B4Jg5tg6/6mBM2tQ==>>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em; <<https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/oris-fausto-historia-do-brasil.pdf>> . Acesso em: 22 nov. 2021.

FERREIRA, Raul Cruz. **Tem Bola na tuba**: Projeto multiplataforma voltado para o futebol alternativo. Trabalho de Conclusão de Curso do grau em bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Centro Universitário Internacional UNINTER. Curitiba, 2019. Disponível: <<https://repositorio.uninter.com/handle/1/440>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Apostila – Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

<http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**. Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Globo Livros. Vol.1. 2019. Disponível em: <<https://livropdf.net/escravidao-vol-1-laurentino-gomes/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

HAMPE, Barry. **Making documentary films and reality videos**. New York: Henry Holt and Company, 1997. Tradução disponível em: <http://apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Escrevendo-um-documentario.pdf>. Acesso em 24 de nov. 2021.

LATAS, Rita Incenso. **A hegemonia do futebol do jornalismo desportivo**. Estudo de caso: A Bola TV. Mestrado em Jornalismo. Escola Superior de Comunicação Social. Lisboa, Set, 2017. Disponível em:<<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8066>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG; **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2 a 6 de setembro, 2003. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1868450877361748090053890711836232551.pdf>> . Acesso em: 24 ago. 2021.

MÜLLER Aline Beatriz; GIMENEZ Charlise Paula Colet; DUTRA, Gabrielle Scolla. Pretos, pobres e putas: dos discursos da sociedade e da mídia à seletividade do direito penal. **4º congresso Internacional de direito e contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede**, Santa Maria, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/7-5.pdf>>. Acesso em 24: ago. 2021.

MUNIZ, Raíssa Gomes. **Racismo na Mídia**: Uma análise da cobertura do técnico Andrade. Brasília, jul. 2011. 22 páginas. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/2823>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

OBSERVATÓRIO, Racial do Futebol. **Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol 2019**. 6.ed. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2019.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2021.

PADEIRO, Carlos Henrique de Souza. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-17112015-092450/pt-br.php>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar De. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.

Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em:
<<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>.
Acesso em 24 ago. 2021.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo**: conceitos e práticas. Trabalho de Conclusão de Curso do grau em bacharelado em Jornalismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em:
<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22683>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Fronteiras** – estudos midiáticos. Rio de Janeiro, VI (1): 61-78, Jan/Jun, 2004. Disponível em:
<<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6578>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

TAVARES JUNIOR, Carlos Augusto. Jornalismo Esportivo: o que é. **Pauta Geral- Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.4, n.2, p.38-59. Jul/Dez, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6199434>>.
Acesso em: 24 ago. 2021.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização parodística. **Estudos em Comunicação**. Portugal, 2009. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>>.
Acesso em: 24 ago. 2021.

APÊNDICE

PRÉ-ROTEIRO

1. -Qual o tema do documentário?

A proposta é elaborar um vídeodocumentário com, no mínimo 15 minutos, sobre o racismo nos três principais clubes de futebol de Curitiba-PR: Clube Athletico Paranaense, Coritiba Foot Ball Club e Paraná Clube; e mostrar como eles lidam para combater os casos.

2. -Que tipo de imagens/ações/acontecimentos preciso gravar?

Descreva tecnicamente as imagens que deverão ser gravadas

- PG (Plano Geral) dos três estádios: Arena da Baixada, Couto Pereira, Vila Capanema
- PF (Plano Fechado) dos entrevistados
- PG e PF das torcidas

3. Onde (em que locais) não posso deixar de ir?

- Estádio Major Antônio Couto Pereira (CFC)
- CT Bayard Osna (CFC)

- Estádio Joaquim Américo Guimarães (CAP)
- CT do Caju (CAP)
- Estádio Durival Britto e Silva (PAR)
- CT Ninho da Gralha (PAR)

4. Quais os BG's e trilhas necessárias para a edição?

Links para trilhas sonoras:

Livraria do Youtube: <http://bit.ly/2tueukq>

Livraria do Facebook : <http://bit.ly/2tueukq>

Canal NoCopyrightSouds: <http://bit.ly/2tueukq>

Canal Vlog No Copyright Music: <http://bit.ly/2H0f1xO>

Canal Audio Library <http://bit.ly/2H0f1xO>

5. Quais são os meus personagens?

Ex-atletas negros:

Reginaldo Nascimento (CFC):

https://coritiba.com.br/artigo/33510/coritiba_homenageia_reginaldo_nascimento

Ziquita (CAP)

<https://www.athletico.com.br/historia/o-furacao-ziquita/#0>

Kléber Pereira (CAP)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Kl%C3%A9ber_Pereira

Balu (PAR)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Balu>

Saulo (PAR)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Saulo_da_F%C3%A9 Freitas

Jornalista

Jairo Nascimento (CNN)
Douglas Bandeira (SBT)
Narrador Luiz Alano (SBT)

Guilherme Straube (Grupo Helênicos)

Escritor:

Carlos Roberto Oliveira (autor: o negro no futebol paranaense)

Sociólogo: A DEFINIR

Linha do tempo

6. Descrever quais serão estas partes ou “momentos”

1º Momento:

Apresentação do tema. Mostrando os casos de racismo nos clubes paranaenses.

2º Momento

Jornalista conta os principais casos que teve nos últimos meses no estado

3º Momento:

Depoimentos das vítimas racismo (sentimento, o que pensou, como superou)

4º Momento:

Representantes dos clubes contando como é a representação negra dentro do clube, dentro de campo e diretoria

5º Momento:

Mostrar o contexto histórico dentro dos clubes

6º Momento:

Representantes das torcidas contando se existe racismo por parte de torcedores atingindo atletas, rivais, ou próprios colegas de torcida.

7º Momento:

Representante fala sobre as torcidas

8º Momento:

Mostrar porque a sociedade é racista

	ROTEIRO DE EDIÇÃO	DATA: 15/11/2021
	TÍTULO: EXISTE RACISMO NO “TRIO DE FERRO” DE CURITIBA?	ROTEIRISTA: RHÚBIA RIBEIRO
ÁUDIO		IMAGEM

Abertura:	Planos fechados dos entrevistados: Fernando Gomes, Gil Rocha e Marcelo Ortiz
Casos de racismo	Apresentação de cinco prints mostrando casos de racismo que envolveram equipes de Curitiba
Apresentação do tema	Título escrito: "Futebol e racismo no 'trio de ferro' de Curitiba?"
Preconceito na sociedade	Plano fechado de Marcelo Carvalho (conta da chegada do futebol no Brasil) e Flavio Soethe explica o contexto curitibano.
Racismo no futebol atualmente	Plano fechado de Reginaldo Nascimento e Marcelo Carvalho contando que existe racismo no futebol atualmente, num panorama geral do esporte.
Marcelo Carvalho e Gil Rocha	Plano fechado do ex-jogador contando se houve racismo no Coxa e um caso que marcou. Plano fechado de Gil Rocha comentando sobre racismo entre jogadores.
Torcedores	Plano fechado contando quais insultos ouviram.
Caso Marino	Plano fechado do Fernando Rocha, onde inicia o fragmento que fala sobre racismo na torcida. Marcelo Carvalho e Reginaldo complementam. Representantes da Fúria e Império contam sobre as torcidas. Além de depoimentos de torcedores.
Nikão [internet]	Plano fechado de Marcelo Ortiz abre o tema contando sobre o caso. Arte com foto e texto complementa.

<p>Caso Márcio do Coxa [abertura para o tema: racismo pela internet]</p> <p>Jogos no exterior</p> <p>Punição</p> <p>Mundo sem racismo</p> <p>Créditos</p>	<p>Thiago, da Fúria, conta seu ponto de vista.</p> <p>Plano fechado de Marcelo Ortiz abre o tema contando sobre o caso. Arte com foto e texto complementa.</p> <p>Arte com foto e texto descreve o fato. Plano fechado de Marcelo Carvalho, Marcelo Ortiz e Gil Rocha contando sobre a internet e torcida.</p> <p>Plano fechado de Marcelo Ortiz falando sobre o tema, arte com foto e texto complementa.</p> <p>Plano fechado de Marcelo C., Gil Rocha e Juliano contando sobre uma maneira melhor de punição.</p> <p>Plano fechado de Gil Rocha, Marcelo Carvalho e Marcelo Ortiz falam sobre a desigualdade racial.</p> <p>Produção: Rhúbia Ribeiro Agradecimentos a Gil Rocha, Fernando Gomes, Marcelo Ortiz, Marcelo Carvalho, Império Aliverde, Fúria Independente, Reginaldo Nascimento. Prof. Orientador: Guilherme Carvalho Filme produzido para um trabalho de conclusão de curso (TCC) para a Uninter.</p>
---	---